

Patricia Vianna Getlinger  
Luis Claudio Figueiredo  
Anna Maria A. Amaral

# Comunicar a incomunicabilidade

**P**acientes psicóticos, crianças, e mais recentemente os casos borderline, têm trazido novas demandas à técnica psicanalítica e mais amplamente ao que se compreende por “comunicação” em análise. A concepção de que há núcleos psicóticos, bem como aspectos perversos ou autísticos em todos os pacientes, mesmo os até então considerados meros neuróticos, redefine as possibilidades de escuta, de contato e de interpretação. Mais do que isso, requer que se compreenda as diferentes modalidades de transferência e principalmente de contratransferência – quer se trabalhe com este conceito propriamente dito, quer se leve em conta os sentimentos e experiências internas do analista a partir de outras definições teóricas. A técnica psicanalítica vê-se confrontada com a necessidade de postular meios de acesso a comunicações não-verbais ou infra-verbais, em suas dimensões mais diretamente concernentes ao não-representacional e às experiências corporais.

Psicanalistas contemporâneos, dentro e fora do Brasil, têm trabalhado a partir da trilha apontada por Freud (comunicação de inconsciente a inconsciente) e seguida inicialmente por Ferenczi, Klein, Winnicott e Bion. Per-

curso ouviu Anna Maria Amaral e Luis Claudio Figueiredo, que a partir da questão que propusemos, sugerem de modo bastante singular, instigantes desdobramentos clínicos e teóricos sobre esse amplo tema.

**Patricia Vianna Getlinger:** “A partir do trabalho de Melanie Klein e da tradição da psicanálise inglesa, muito se tem pensado acerca dos fenômenos transferenciais e contratransferenciais. Mais recentemente, vários psicanalistas norte-americanos, entre eles Thomas Ogden e Christopher Bollas, têm dado especial atenção a esses fenômenos e a tudo o que se relaciona com a comunicação não verbal entre paciente e analista.

**Anna Maria Alcantara do Amaral** é psicanalista, professora, supervisora e membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

**Luis Claudio Figueiredo** é psicanalista, professor na PUC-SP e na USP; autor, em co-autoria com Nelson Coelho Junior, de *Ética e técnica em Psicanálise* (Ed. Escuta), além de outros livros e artigos em revistas.

**Patricia Vianna Getlinger** é membro do Departamento do Instituto Sedes Sapientiae e do corpo editorial da Revista Percurso.

“Neste campo estão compreendidas as comunicações pré-conscientes e inconscientes capazes de produzir a sensação de que conteúdos foram transmitidos “magicamente”, capazes de promover sensações corporais, capazes de irromper na forma de comportamentos não-verbais (*enactements*), entre outras formas possíveis. Que importância você atribui a esse tipo de fenômeno em seu trabalho clínico?”

**Anna Maria A. Amaral:** Para nós psicanalistas que conhecemos a potência da linguagem, é importante pensarmos como e o que fazer com isso que nos aparece para quem e para além das palavras.

De início, o relato de um estranhamento. Durante um fim de semana, um acontecimento desastroso ocorreu comigo. Ao fazer café, me “distraí” e derramei água fervente misturada ao pó no meu antebraço esquerdo, ocasionando uma feia e dolorida queimadura. Qual não foi meu espanto quando, na segunda-feira, um analisando iniciou sua sessão relatando-me, assustado, o seu pesadelo da noite anterior. Imagine só! Ele havia sonhado com o que tinha ocorrido comigo, tendo se passado com ele! Com um gesto apontou seu antebraço esquerdo, mostrando-me o lugar da “sua queimadura”. Estranhamento, telepatia, modo de comunicação inconsciente?

Talvez não seja tão incomum assim que sonhos, tanto do analista como do analisando, comportem elementos que representam acontecimentos da vida, tanto de um como do outro.

É através da análise pessoal do analista, sempre continuada em sua prática cotidiana, que ele pode ter acesso à vida psíquica de seu analisando e, ele deve ir tão longe e tão profundamente neste processo quanto possível, a fim de favorecer, no paciente, um contato com seu material mais primitivo.

O analista sustenta e transfor-

ma o que vai surgindo nessa intimidade com as palavras e, também, nos silêncios da linguagem, intervalos onde podem aparecer, muitas vezes de maneira surda e discreta, não somente formações imaginárias violentas, mas também ges-

“

Nos intervalos  
da linguagem, o corpo  
do analista é  
solicitado como um  
*corpo receptivo*,  
que acolhe impressões  
das vivências  
mais primitivas.

”

tos, sustos, enfim, várias manifestações corporais que testemunham poderosas aflições e desamparos permanecidos enclausurados, em estado de “enclaves autísticos”. Nos intervalos da linguagem, o corpo do

analista é solicitado como um *corpo receptivo*, que acolhe impressões das vivências mais primitivas.

Memória intemporal, fragmentária, inacessível, significando muitas vezes uma ausência, uma “abolição simbólica”, que se mostra de maneira extremamente confusa através de gestos e atos, tanto da parte do analista como de seu analisando e que, lentamente, vai ganhando forma. Esta *transferência do primitivo* só pode ser captada (neste caso a palavra captar não se banaliza) pelo analista através do seu corpo. Esta vivência arcaica, vivência do *informe*, vai aos poucos, a partir das possibilidades de elaboração psíquica do analista, se tornando pensamento e depois palavra interpretativa. Talvez seja isto o que se passa entre a pulsão e sua apresentação.

“A linguagem só é realmente linguagem, uma operação ativa, se carrega nela o que não é ela mesma” (Pontalis). Trata-se, em análise, da linguagem concebida em sua relação ao desconhecimento, isto é, a um núcleo irreduzível ao sentido. Podemos aí pensar na identificação primária descrita por Freud como um processo inaugural da vida psíquica, no qual os investimentos de objeto e as identificações estão, sem dúvida, confundidos.

O acesso e o reconhecimento, por parte do analista, de certas situações-limite da vida de seu paciente – sobretudo quando se trabalha com casos reputados difíceis (psicose, casos-limite...) – “depende, por assim dizer, da desistência e do estilhaçamento do ego do analista” (Fédida), ou seja, de seu consentimento em, por meio de sua própria regressão, acompanhar a regressão do analisando. Esta é uma via de mão dupla na qual, a meu ver, quanto mais primitivas as vivências, mais indiferenciadas são as suas manifestações que podem ocorrer, seja no analista, seja no analisando, como no exemplo que relatei. O analista aceita tomar esta

realidade opaca no seu corpo sem nada compreender para, em seguida, registrá-la como traços da realidade do Outro.

Ainda que o trabalho de desconstrução, de significação e de ressignificação próprios da análise inclua várias manifestações *não-verbais*, este é totalmente dependente das potencialidades e virtualidades da linguagem verbal de cada analisando.

**Luis Claudio Figueiredo:** Penso que o que me interessa primordialmente é isto que se passa – ou não passa – neste campo (à falta de melhor palavra) que é o da “relação analítica”. Uso o termo “campo” meio a contragosto justamente porque a noção de “campo” pode sugerir uma homogeneidade inexistente. Da mesma forma, coloco o termo “relação” entre aspas, pois tanto há aspectos ou dimensões relacionais como outros não relacionais, ou seja, tanto há, aqui e ali, encontro, como há, o que pode ser mais decisivo, muito desencontro.

Para dar conta “disso” – ou será *dissos*? – podemos ampliar infinitamente o conceito de “transferência” e seu correlato, “contratransferência”. Como sempre, o que se ganha em extensão se perde em compreensão. Prefiro conservar a noção de “transferência” no sentido mais próximo ao original e que, inclusive, justifica o termo: são deslocamentos de afetos, de energias livres a partir da operação de recalçamento, que se transferem na procura de “novos” objetos em que se possam reeditar os velhos alvos de amor e de ódio etc. que foram recalçados e os velhos padrões de relações objetais. Neuróticos sonham, associam livremente, produzem sintomas e... transferem com aquela propensão quase ilimitada e universal já assinalada por Ferenczi. Mas mesmo no mais neurótico dos mortais, em que o recalçamento parece funcionar bem, bem até demais – em

excesso –, e em que a capacidade de simbolização está em grande medida preservada, há algo que transborda da passagem à palavra e transborda mesmo das operações de transferência no sentido estrito. Creio que é fundamental estarmos



Os *enactments* fazem parte das estratégias esquizóides de sustentar uma separação intransponível em termos genuinamente afetivos.



atentos para estas dimensões das, à falta de melhor palavra, “comunicações do inconsciente” que nos atingem e afetam de formas às vezes muito mais poderosas e muito menos óbvias.

No entanto, é quando o recalçamento opera sobrepujado por defesas mais primitivas que ganham terreno os processos tão estudados por Klein e seus seguidores e também pelos estudiosos do *enactment*. Assim como se tenta, às vezes, fazer caber tudo na *transferência*, há quem queira ver identificação projetiva ou *enactments* por toda a parte, tentando novamente reduzir o “campo” a uma suposta homogeneidade.

Acho mais interessante insistir nas diferenças.

Identificações projetivas (e introjetivas) fazem parte de um conjunto de defesas que visam, no fundamental, negar a realidade da separação, da diferença, e realizar o controle narcisista dos objetos, criando estados fusionais. As “comunicações”, se é que o termo se aplica, são processos brutos (tanto no sentido de violentos, como no de não-elaborados) de vitalização pela via fusional, ora evacuativa, ora intrusiva, ora adesiva. O analista exposto a fortes identificações projetivas e solicitado – melhor dizendo, intimado – a recebê-las, contê-las e elaborá-las trava uma luta de vida e morte, pois é disso que se trata. O que está em jogo é sua capacidade de pensar com a própria cabeça, sentir com o próprio corpo, existir com uma relativa autonomia. O mesmo ocorre, por exemplo, quando o analista é alvo de idealizações intensas e ilimitadas e é requisitado a admitir a imersão em si do paciente que vai parasitá-lo em seu psiquismo. Há uma atmosfera de loucura mais ou menos ameaçadora, mas sempre de loucura contagiante, nestas situações.

Já os *enactments* fazem parte das estratégias esquizóides de sustentar uma separação intransponível em termos genuinamente afetivos e, ao mesmo tempo, tentar exercer o controle sobre os objetos, definitivamente perdidos, pela via de uma certa teatralização: encenações e contraencenações. São “comunica-

ções” produzidas justamente para esconder e representar, simultaneamente, as partes incomunicáveis do paciente. Podem entreter, mas, em geral, logo dão sono e uma impressão de esvaziamento e falsidade. A tendência do analista depois de algum tempo é a de não poder mais investir seriamente a relação, embora em um primeiro momento tenha se sentido extremamente comprometido e implicado. Isso, mesmo quando o teatrinho está montado para sustentar uma certa aparência de vida e justamente para *impressionar*. É como se estes pacientes não tolerassem estar presentes, mas não quisessem ser esquecidos e por isso deixam uma parte sua fazer de conta que estão ali enquanto no fundamental permanecem longe e inacessíveis. Muitas vezes, os recados deixados na secretária eletrônica durante a madrugada ou fins de semana, avisando, por exemplo, que não virão à sessão cumprem bem esta função de comunicar a incomunicabilidade. Uma depressão branca ronda todos estes movimentos de avanços e recuos sucessivos e simultâneos.

Um critério que costumo utilizar para distinguir as transferências destas outras dimensões da relação analítica é o da temporalidade. As respostas transferenciais são parte de um processo (introjetivo, no sentido de Ferenczi) e isso quer dizer que se instalam progressivamente e evoluem. Já as identificações projetivas e os *enactments* costumam emergir e se instalar de chofre, em um regime de urgência que revela o caráter de uso, abuso e controle a que estes pacientes nos submetem. Antes de nos darmos conta, já estamos tomados e ocupados pelos movimentos afetivos ou pelas encenações, o que nos requer uma arte de manejo muito rápida e que precisa ser pensada como algo distinto do que é uma resposta contratransferencial. Isso pode ocorrer desde o início de um atendimento, ou vem à luz, de re-

rente, no meio de um processo que até aí parecia ser o de uma análise padrão.



Um critério que costumo utilizar para distinguir as transferências destas outras dimensões da relação analítica é o da temporalidade: as primeiras se instalaram progressivamente, enquanto as outras costumam emergir de chofre.

rências, costumam ocorrer identificações projetivas e *enactments*, pois haverá sempre uma pulsionalidade primitiva fora do controle do recalçamento e dos circuitos de retorno do recalçado, bem como partes dissociadas e incomunicáveis que se protegem e se manifestam à distância pelas vias da encenação. Correlativamente, nestes casos, experiências e reações do analista vão além do que se poderia entender como contratransferência no sentido preciso da palavra. No entanto, quando identificações projetivas ou *enactments* (ou ambos, alternadamente, pois, em geral, os pacientes *borderline* oscilam entre estas modalidades de comunicação) tomam a dianteira, isso nos deve alertar para a provável existência de uma patologia narcísica ou esquizóide muito mais grave. Provavelmente, encontraremos aí falhas muito mais sérias na capacidade de simbolizar e pensar e uma emergência de *trans-tornos* de comportamento ou de caráter a que não caberia com propriedade o conceito de “sintoma”, ao menos no sentido original que lhe deu a psicanálise, uma formação de compromisso. O uso indiscriminado dos termos “transferência” e “contratransferência” pode nos cegar para estas diferenças que determinam diferenças tanto no manejo como nos conteúdos e modalidades das interpretações.

Dito em resumo: tudo a meu ver depende da nossa escuta, ou, mais amplamente, da nossa sensibilidade, às ocorrências de todas estas modalidades de *contato* -- à falta de melhor palavra. ■



Como já disse, mesmo quando a modalidade de desencontro analítico predominante se dá em termos de transferências e contratransfe-